

IDENTIDADE DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: CAMINHOS PARA A PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR DO PROFESSOR

Leonardo Brandão Delvalle Regis; Flavinês Rebolo

Universidade Católica Dom Bosco, leobdregis@hotmail.com; flavines.rebolo@uol.com.br

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica que teve por objetivo investigar como a identidade profissional e o papel do professor na escola contemporânea estão atravessados por determinantes sócio-históricos e foram se transformando ao longo do tempo. O estudo se caracteriza como revisão sistemática de literatura e foi realizado por meio levantamento de trabalhos publicados nas Atas das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no período de 2003 a 2014. Discute-se como as mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas influenciam a dinâmica escolar e afetam as práticas docentes. Analisa-se a (re)constituição da identidade a partir de formações continuadas que possibilitem, aos professores, a reflexão crítica a partir da realidade vivida e por meio de estratégias que privilegiem o profissional ao invés das práticas educacionais em si e, além disso, ofereçam um arcabouço teórico-prático que contribuirá para o fortalecimento didático-pedagógico e psicológico dos docentes. Acredita-se, concluindo, que os processos de formação continuada poderão promover o bem-estar docente e a melhoria da qualidade da educação à medida que consigam subsidiar o professor para que esteja apto à responder às necessidades sociais, culturais, históricas de determinado período, em determinada comunidade. Espera-se, com este estudo, fomentar a discussão e o incentivo de novos trabalhos sobre a identidade profissional do professor e as formações continuadas, entendendo que somente com a (re)apropriação do papel (função) social do profissional professor será possível a implementação de práticas educacionais inovadoras, que promovam reais mudanças culturais e sociais, e a construção do bem-estar docente.

Palavras-chave:

Identidade docente, Formação continuada, Bem-estar docente.

Introdução

Para que seja possível a criação de espaços propícios ao sucesso do processo ensino-aprendizagem e do bem-estar dos professores na escola contemporânea, acredita-se que seja necessária uma análise de como os indivíduos se re-apropriam de si mesmos e do conhecimento e, ainda, de como se relacionam com os outros e com o contexto externo sujeito às condições de mudança e incerteza inerentes à sociedade contemporânea.

A vida revela diversos papéis sociais durante o seu percurso. Cada papel representado é uma faceta da identidade que seria a totalidade destes papéis e mais, a possibilidade de transformação a qualquer tempo. Aí parte a consideração de identidade não mais vista como um

dado estático, acabado, fechado no papel ou papéis sociais representados, mas como um "dar-se conta constante que expressa o movimento do social". (Ciampa, 1984, p.68).

Nesse sentido buscou-se, com este estudo, compreender, no âmbito de uma perspectiva histórica e social, o movimento identitário do professor, seu papel social e a contribuição das formações continuadas nesses processos.

A constituição da identidade é um processo contínuo, atemporal, possuindo várias dimensões articuladas. Esse caráter de identidade como uma constante transformação é essencial para compreensão do ser humano como um ser em atividade no mundo. (Meksenas, 2003). Como ser social em atividade, o ser humano, vai se constituindo, constituindo sua "forma identitária" (Dubar, 2005). As formas identitárias configuradas nas relações sociais e de trabalho formam identidades sociais e profissionais. Concretizam-se papéis sociais. Entende-se que a identidade profissional é resultado das relações e interações no trabalho, das representações sociais que se dão em determinado tempo e espaço social e que são passíveis de mudanças, de acordo com as mudanças sociais.

Mas essas mudanças sociais, rápidas e profundas, têm gerado, na maioria das vezes, um contexto escolar adoecedor, causando um constante desgaste físico, mental e emocional a todos os atores envolvidos nos processos escolares. E, um dos grupos mais afetados, são os professores, que sentem-se pressionados em mudar suas práticas e, ao mesmo tempo, são impelidos a prosseguir em métodos de ensino ultrapassados mas que atingem a demanda quantitativa esperada.

Posto isso, pode-se afirmar que a identidade profissional do professor passa por constantes transformações, o que rompe com a ideia de uma identidade profissional do professor imutável. Gomes (2002) fala numa crise na maneira e no modo de ser professor. Tal crise pode se dar ao se considerar a identidade como fixa e pressuposto de um fazer galgado em representações sociais esperadas para um profissional professor. E, como afirma Lopes (2001), há vários modos de ser professor, e a articulação dialética entre realização pessoal e as expectativas sociais realizadas pelas representações do "ser professor" podem garantir esse contínuo transformar profissional.

Assim, é importante investigar o processo de construção da identidade docente e os tipos de formações necessárias para que os professores possam mudar e enfrentar, individual e coletivamente, as dificuldades inerentes aos processos educacionais contemporâneos.

Ser professor na contemporaneidade

Muitos professores, hoje, estão fugindo da profissão. Segundo Rebolo (2012), fogem das mazelas de um sistema de ensino que impõe, aos que dele participam, grandes obstáculos para a realização de um trabalho satisfatório e compensador, e que garanta, para além da simples sobrevivência, uma vida saudável e equilibrada. Os dissabores e o desencanto com o trabalho docente podem ser percebidos nas conversas cotidianas dos professores, por meio das quais manifestam um grande desânimo e uma vontade, expressa na fala de muitos, de “largar tudo”. Esse desabafo, em muitos casos, acaba tornando-se realidade e, ainda que nem todos deixem de fato o magistério, tem-se percebido, ano após ano, um considerável aumento no número de professores que estão deixando a profissão ou se afastando de seus trabalhos por adoecimento.

O trabalho docente se constitui em um conjunto de ações específicas que são empreendidas pelo professor com vistas à satisfação de necessidades, desejos e ideais. Esse trabalho não está, no entanto, desprendido da vida privada, nem da instituição onde se desenvolve e nem de um contexto mais global, que está passando por profundas transformações, desencadeando crises que alteram o sentido e o significado da atividade docente. Essa crise, segundo Nóvoa (1991, p. 20), provoca mal-estar nos professores, e as consequências “[...] estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevado índice de absenteísmo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante.”

As exigências feitas à Educação pelas transformações na sociedade contemporânea colocam, para os professores, grandes desafios. Desde as incertezas sobre o que está ensinando, à concorrência com a mídia e outras formas de transmissão de conhecimentos, até o sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realiza e as relações interpessoais desarmônicas e conflituosas são aspectos que geram frustrações e mal-estar aos docentes. Nesse contexto de mudanças, as práticas docentes, interiorizadas durante todo o processo formativo, muitas vezes são insuficientes ou incompatíveis com a nova realidade. Os modos habituais de realizar o trabalho não são mais apropriados e isso acarreta um grande desgaste, tanto físico como psicológico, ao professor. O trabalho, que deveria se constituir em um meio de obter equilíbrio e adaptação satisfatória ao ambiente e à sociedade acaba gerando desequilíbrios, frustrações, conflitos e adoecimento, que são estados incômodos e impelem o indivíduo a revertê-los.

É nesse sentido que se torna importante pensar na constituição das identidades profissionais e nas formações continuadas que poderão subsidiar os professores para modificarem

esses estados, se reequilibrarem e obterem o bem-estar, enfrentando as adversidades do trabalho docente na contemporaneidade.

A qualidade da educação torna-se realidade quando permite a articulação entre realidade vivida e conhecimentos científicos, quando o professor consegue ultrapassar as barreiras que impedem o diálogo de forma mais horizontal possível com seus alunos. O papel do professor já não suporta o mero papel de transmissor de um conhecimento que o aluno não possui. A chegada e incorporação das novas tecnologias nas escolas e na vida como um todo, por um lado, fortalece o individualismo, a massificação do pensamento, como também, proporciona o acesso a informações e outras realidades de forma instantânea, permitindo o contato com novas culturas, de maneiras jamais alcançadas em outros tempos. Mas, o mesmo mecanismo que individualiza pode servir como promotor de novos vínculos sociais. Vale aqui destacar a necessidade de indagar se a formação dos professores permite que eles compreendam suas identidades profissionais sendo formada dentro deste contexto, repleto de movimento, não estático. Moreira e Kramer (2007, p. 1052-1053) definem que cabe aos professores atuantes “assumir, como intelectuais, papel ativo na compreensão dos processos implicados na educação e na escola, bem como dos fenômenos sociais contemporâneos em sua complexidade”.

Identidade profissional do professor

A constituição da identidade é um processo contínuo, atemporal, possuindo várias dimensões articuladas. Esse caráter de identidade como uma constante transformação é essencial para compreensão do ser humano como um ser em atividade no mundo. (Meksenas, 2003). Como ser social em atividade, o ser humano, vai se constituindo, constituindo sua “forma identitária” (Dubar, 2005). As formas identitárias configuradas nas relações sociais e de trabalho formam identidades sociais e profissionais. Concretizam-se papéis sociais. Um problema, pois, ao taxar como um determinado profissional “deve ser”, é que nega-se, muitas vezes, o pressuposto de constante transformação. Frente a estes fatos Ciampa (1984) nos diz que só se pode demonstrar quem verdadeiramente se é, se negar-se o determinismo identitário e permitir-se à “*metamorfose*”.

Cabe reiterar que a identidade profissional é resultado das relações e interações no trabalho, das representações sociais que se dão em determinado tempo e espaço social e que são passíveis a mudanças, de acordo com as mudanças sociais. Stuart Hall (1992) aponta a influência da globalização e o seu impacto na formação da identidade, onde há o fortalecimento de identidades

locais e/ou a produção de novas identidades, com um efeito pluralizante, produzindo novas posições de identificações, que irão afetar o mundo do trabalho, também.

Posto isso, a identidade profissional do professor passa por constantes transformações, o que rompe com a ideia de uma identidade profissional do professor imutável. Gomes (2008) fala numa crise na maneira e no modo de ser professor. Tal crise pode se dar ao se considerar a identidade como fixa e pressuposto de um fazer galgado em representações sociais esperadas para um profissional professor. Para ser possível viver uma vida de *metamorfoses*, como diz Ciampa (1987), é importante observar as dificuldades encontradas socialmente. Nesse processo é importante compreender que a identidade profissional é um processo dialético, individual e coletivo, diferenciado e generalizado.

E, como Lopes (2001) diz, há vários modos de ser professor, e a articulação dialética entre realização pessoal e as expectativas sociais realizadas pelas representações do “ser professor” podem garantir esse contínuo transformar profissional. Sair de uma educação disciplinadora para uma proposta educacional que privilegie a autonomia dos estudantes é desconstruir de forma subversiva o que está posto como certo e adequado.

Por outro lado, é necessário para o desdobrar dessa identidade, considerar também, as condições de trabalho e financeiras. Segundo Saviani (2009, p.153-154), torna-se um desafio a garantia dos devidos recursos materiais para tornar a profissão professor atraente e permitir um maior engajamento, o que por sua vez, permitirá a melhora na qualidade do ensino oferecido. Percebe-se que a formação dessa identidade profissional está, também, atrelada à valorização econômica da profissão.

Ser professor é, portanto, estar em constante desenvolvimento. E como vimos, a identidade profissional não está conclusa, vai se fazendo ao longo de toda a carreira. Segundo Garcia (2009, p.9), “deste ponto de vista, o desenvolvimento profissional docente pode ser entendido como uma atitude permanente de indagação, de formulação de questões e procura de soluções”.

A formação continuada pode contribuir para o redimensionamento do papel social do profissional professor, que é uma necessidade emergente, e pode ser promotora de bem estar à medida que permita o acesso a afetividade e o fortalecimento dos vínculos sociais, bem como ofereça subsídios que permitam ao professor se transformar e transformar sua prática

Formação Continuada e Bem Estar Docente

Várias são as dificuldades encontradas na formação e na construção da identidade profissional do professor. Além da formação inicial e suas deficiências como a priorização de formações conteudistas, outro desafio é verificado desde períodos anteriores à formação inicial. As visões sobre a profissão docente começam a se formar na história de vida de cada Professor enquanto aluno, já constituindo representações e crenças profissionais. Reside aí uma grande dificuldade a ser superada paulatinamente. Nesse contexto, as formações continuadas ganham destaque.

Mas de qual tipo de formação continuada estamos falando?

Há a disseminação de que a formação continuada é alicerce para inovações mas, o que se vê, muitas vezes, é a repetição de padrões conteudistas nas formações continuadas, privilegiando conhecimentos prontos, definidos de forma arbitrária, linear e verticalizada, desrespeitando assim, a necessidade emergente de cada realidade vivenciada nas escolas, pelos alunos e professores. Priorizam-se os conhecimentos que levam o professor a ser mais “produtivo” para o alcance de “metas” educacionais. Há ainda, pouco espaço para formações continuadas que possibilitem uma reflexão crítica a partir da realidade vivida e que promovam o bem estar docente, por meio de estratégias que privilegiem o profissional ao invés das práticas educacionais em si.

Nacarato (2013, p.4) aponta que em 2002 as Diretrizes Curriculares para Formação de Professores, Resolução CNE/CEP nº1, 18/02/2002, propôs o emprego de uma formação inicial do professor reflexivo e pesquisador. “Passados dez anos dessas orientações para a formação do professor da escola básica, os estudos têm apontado que poucas mudanças ocorreram nos cursos de licenciatura.” (NACARATO, 2013, p.4)

A formação continuada ganha um aspecto especial na busca do bem estar docente, embora, práticas que não destacam o professor como protagonista deste processo, ainda são constantes, promovendo o mal estar docente. Destacam-se como indicadores de mal estar docente, segundo Esteve (1999), a modificação no papel do professor, no contexto social, massificação do ensino e das práticas educacionais, esgotamento e acumulação de exigências sobre o professor. Eles tem seus trabalhos regulamentados e vigiados por imposições estatais, econômicas e políticas, tornando-se apenas executores de propostas vindas de “cima”.

Aponta-se a gradativa perda de autonomia dos professores, influenciando o comprometimento com a profissão e, conseqüentemente, sua identidade com a profissão. Assim,

seria a formação continuada uma possibilidade de se trabalhar a reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas dia a dia, resultando no processo de construção de identidades pessoais e profissionais menos alienadas. (BRAGAGNOLO; LUNA, 2004)

Segundo Guimarães (2006), “a inovação para gerar bem estar deve ser uma construção coletiva e que passe pela colaboração dos professores nos projetos pedagógicos”. Gentil (2006) afirma que as identidades não nascem com os indivíduos e sim são resultados das relações e interações e possuem um caráter narrativo, dialógico e semiótico, se constituindo em um processo contínuo de “fazer-se e refazer-se” a partir das experiências e significações. De acordo com Aguiar (2006) a formação não se faz por meio de acumulação de conhecimentos mas por meio da reflexão crítica sobre práticas e (re)construção permanente da identidade. A experiência torna-se importante na formação da identidade. Deste modo, a formação continuada, que objetiva proporcionar bem estar docente deve ter como propósito o espaço para reflexão e proposição de melhorias vindas dos próprios protagonistas da escola, incluindo os professores neste processo.

Assim, torna-se urgente, segundo Picado (2009, p.17), “valorizar a ascensão profissional dos docentes e que devemos contribuir para diminuir a dissociação entre as políticas educativas e as condições materiais e institucionais para a sua realização.” Picado (2009, p.18) afirma que

numa perspectiva centrada no bem estar docente, defendemos que o sucesso em lidar com o mal estar resultará numa focagem na promoção do envolvimento com o trabalho e não somente numa focagem exclusiva na redução das emoções do mal estar.

Considerações finais

A formação continuada torna-se uma possibilidade de bem estar docente ao permitir que os professores sintam confiança, reconhecimento, abertura para o diálogo, construindo e mantendo emoções e afetos positivos, sem negar aquilo que precisa ser melhorado. Ter voz e ouvir a voz de seus pares é promover saúde emocional, permitindo que cada professor possa ser protagonista de práticas educacionais mais saudáveis, ao corresponderem às suas realidades. Segundo Picado,

desta construção resulta a ampliação dos seus campos de ação, a superação dos seus problemas, a redução das suas incertezas conceituais e organizacionais e a melhoria da comunicação entre as mesmas. A construção de um projeto de bem estar visa o desenvolvimento máximo e possível do potencial integral dos docentes,

facilitando de forma inovadora e criativa, o bem estar da comunidade escolar. (PICADO, 2009, p.24)

O processo de formação continuada promoverá bem estar, portanto, à medida que responder às necessidades sociais, culturais, históricas de determinado período, em determinada comunidade. Espera-se ultrapassar as dificuldades estabelecidas pelas muitas transformações sociais a partir da consideração da realidade vivida, da utilização e implementação de novas tecnologias que dialoguem com as novas formas de relacionar-se e constituir relações.

Compreender o mundo e suas mudanças é um exercício de “dentro para fora e de fora para dentro”. Toda mudança interna começa pela possibilidade externa de mudar. Pela abertura. E, as práticas educativas de formação continuada, com as perspectivas apresentadas neste texto, que visam a participação efetiva de seus participantes, promovendo o bem estar, se respeitadas, tendem a permitir transformações das relações profissionais do professor e/com a escola e os demais atores.

Referências

- AGUIAR, M. C. C. Implicações da formação continuada para a construção da identidade profissional. **Anais da 29ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2006.
- BARRETO, R.G. “Que Pobreza?! Educação e Tecnologias: Leituras. **Contrapontos** (Eletrônica), v. 11, n. 3, p. 349-359, set-dez, 2011.
- BRAGAGNOLO, R. I. B.; LUNA. I. N. Educação e novas exigências profissionais. **Anais da 27ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2004.
- BRASILEIRO, T. S. A. Autobiografia e formação docente em Rondônia: a busca de uma identidade profissional. **Anais da 31ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2008.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: CODO, W. e LANE, S. T. M. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 58-75.
- DUBAR, C. **A Socialização: Construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ESTEVE, J. M. **O Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.
- GARCIA, C. M. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Sísifo/Revista de Ciências de Educação**. n. 8, p. 7-29, jan/abr., 2009. Disponível em: [HTTP://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/S8_PTG_Carlos Marcelo%20\(1\).pdf](http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/S8_PTG_Carlos%20Marcelo%20(1).pdf).
- GENTIL, H. S. Identidades de professores e redes de significações-configurações que constituem o “nós, professores”. **Anais da 29ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2006.

GOMES, A. A. A construção da identidade profissional do professor: uma análise de egressos do curso de Pedagogia. **Anais do VI Congresso Português de Sociologia**. 2008. Consultado em 12 de maio de 2014. <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>.

GUIMARÃES, E. R. Participação, resistência e crise de identidade: política para o ensino médio e educação profissional. **Anais da 29ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2006.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOPES, A. **Professora e identidade: Um estudo sobre a identidade social de professoras portuguesas**. Porto: ASA, 2001.

MEKSENAS, P. Existe uma origem da crise de identidade do professor? **Revista Espaço Acadêmico**, 2003. Consultado em 12 de maio de 2014. <http://www.espacoacademico.com.br/031/31cmeksenas.htm>.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

NACARATO, A. M. Políticas públicas de formação do professor na educação básica: pesquisas, programas de formação e práticas. **36º Reunião Nacional da ANPED**, GT 8, 2013.

NÓVOA, A. O Passado e o Presente dos Professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

PICADO, L. Ser Professor: Do Mal-estar para o Bem-estar docente. **Portal Psicologia**. Portugal, 2009. Consultado em 12 de julho de 2017. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0474.pdf>

REBOLO, F. Caminhos para o bem-estar docente: as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos professores frente às adversidades do trabalho docente na contemporaneidade. **Quaestio (UNISO)**, v. 14, p. 115-131, 2012.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v.14, n.40 jan./abr. 2009.